

YASCHA MOUNK

O povo contra a democracia

*Por que nossa liberdade corre perigo
e como salvá-la*

Tradução

Cássio de Arantes Leite

Débora Landsberg



COMPANHIA DAS LETRAS

4. As mídias sociais

Até o fim da Idade Média, era proibitivamente caro e trabalhoso difundir informação a muita gente. Para reproduzir um texto longo, um copista profissional ou um monge precisaria transcrever cada palavra do manuscrito original. Para fazer outra cópia, teria de começar tudo de novo.

Consequentemente, a informação escrita só era acessível a uma elite muito seleta. Compartilhar um texto com cinquenta ou cem pessoas era uma tarefa e tanto. Compartilhar um texto com milhares estava reservado exclusivamente aos reis ou ao alto clero. As limitações tecnológicas à disseminação da palavra escrita assim ajudaram a impor a ortodoxia política e religiosa: com a difusão de ideias nas mãos de religiosos e potentados, era comparativamente fácil debelar a dissensão política e a heresia religiosa.

Isso ajuda a explicar a enorme importância da invenção da prensa móvel. Quando Johannes Gutenberg descobriu um modo de criar para cada página uma matriz que pudesse ser copiada inúmeras vezes a um custo muito menor e a uma velocidade inacreditável, ele mudou de forma radical as condições estruturais

da comunicação. Em pouco tempo, a comunicação “um-para-muitos” estava ao alcance de um número significativo de pessoas pela primeira vez na história da humanidade: tendo acesso à tecnologia e ao capital, um indivíduo podia agora transmitir suas ideias a milhares de outros, simultaneamente.¹

Os contemporâneos de Gutenberg não tardaram a perceber as implicações revolucionárias da prensa móvel — e muitos deles se encheram de esperança com as possíveis maravilhas que traria a comunicação facilitada difundiria ideias, aumentaria o conhecimento e promoveria o crescimento econômico.

Algumas dessas esperanças se confirmaram. As teses de Martinho Lutero, por exemplo, foram impressas cerca de 250 mil vezes no intervalo de poucos anos; é difícil imaginar que Lutero exerceria um impacto tão transformador no mundo caso seus seguidores não tivessem acesso à tecnologia de impressão. Sem a menor dúvida, a prensa móvel desempenhou um papel fundamental no renascimento de ideias — e na rápida disseminação da alfabetização — que se testemunhou nos séculos XVI e XVII?

Mas, ainda que a prensa móvel seja justamente celebrada como uma das invenções mais transformadoras na história da humanidade, ela também fez centenas de milhares de vítimas. As novas ideias religiosas se espalhavam pelo continente, e as discórdias religiosas iam a reboque. E, conforme vozes dissidentes ganhavam a capacidade de se comunicar com possíveis seguidores, ganhavam também a capacidade de instigar revoltas políticas violentas. Em suma, a prensa espalhou tanto a morte quanto a alfabetização, e a instabilidade e o caos com a emancipação.

Nos últimos anos, diversos jornalistas e escritores compararam a invenção da tecnologia digital — e sobretudo das mídias tais — à invenção da prensa tipográfica. Nas palavras de Clay

Shirky, “antes, a gente precisava ser dono de uma torre de rádio ou televisão ou de uma gráfica. Hoje, só precisamos ter acesso a um café com internet ou a uma biblioteca pública para divulgar o que pensamos.”² Heather Brooke constatou a mesma coisa de forma ainda mais concisa: “Nossa prensa”, escreveu, “é a internet. Nossa mídia são as redes sociais.”³

Nossos cafés logo de cara essas afirmações grandiosas. É fácil rejeitar logo de cara essas afirmações grandiosas. Geração após geração, assim dizem seus críticos, pensadores importantes foram vítimas de “cronocentrismo”, ou a convicção equivocada de que seu próprio momento no tempo é de algum modo central para a história da humanidade.⁴ Será que a ideia muito aceita de que invenções recentes como Twitter ou Facebook representam uma mudança fundamental na história da humanidade não sofre do mesmo viés cognitivo?

Precaver-se contra o cronocentrismo é importante. Mas também é difícil negar que existem alguns paralelos legítimos entre a invenção da tecnologia digital e a invenção da prensa: como a prensa, a chegada da internet e das mídias sociais transformou fundamentalmente as condições estruturais da comunicação.

Nos quinhentos anos desde a invenção da prensa móvel, o custo e a velocidade da comunicação um-para-muitos caiu significativamente, quando seu conteúdo e alcance geográfico se expandiram de maneira radical. Em 1992, era possível mandar o som e as imagens de um evento para bilhões de telespectadores no mundo todo num instante.

Mas em dois aspectos o mundo da CNN ainda parecia o mundo de Martinho Lutero: havia um número limitado de veículos centralizados — redes de TV e estações de rádio, jornais e editores — e grande quantidade de receptores. E os custos eram suficientemente significativos para impedir que a maior parte dos cidadãos se transformasse em veículo numa escala significativa; para virar um formador de opiniões, era preciso gastar muito di-

nheiro ou convencer os donos dos meios de distribuição a apresentá-lo em suas plataformas.

No quarto de século transcorrido desde 1992, ambas as condições desapareceram.

No começo, a web possibilitou que a maioria dos cidadãos dos países desenvolvidos transmitisse suas opiniões para o mundo inteiro: após a pessoa criar um site de baixo custo, seu conteúdo estava disponível para qualquer um com acesso à internet. A promessa inerente da comunicação um-para-muitos finalmente fora democratizada, mais de quinhentos anos depois.

Essa diferença de grau logo acarretou uma diferença de tipo. Embora os sites fossem acessíveis para qualquer pessoa conectada à rede, ainda compartilhavam importantes propriedades com plataformas de distribuição mais antigas. Na teoria, *fulanodetal*, com era tão fácil de acessar quanto *nytimes.com*; na prática, era muito difícil para Fulano de Tal fazer com que possíveis leitores no mundo todo chegassem ao seu site.

As mídias sociais atenuaram essa última limitação. No Facebook e no Twitter, o post criado por qualquer usuário pode ser rapidamente retransmitido por alguém com quem esse usuário está conectado. Se o conteúdo criado for suficientemente novo ou interessante, até mesmo alguém com poucos contatos é capaz de alcançar um público amplo em questão de minutos.

Ao criar uma rede de usuários difusa na qual todo mundo se comunica entre si, as mídias sociais alteraram a dinâmica de distribuição. Há um motivo para “meme” ou “viral” serem termos novos em nosso vocabulário cotidiano: eles só poderiam assumir a importância que têm hoje num mundo em que qualquer um consegue capturar a imaginação de um punhado de pessoas semelhantes, que então compartilham o que pensam com o público mais global.

Outro modo de argumentar seria dizer que, graças ao surti-

mento das mídias sociais, a comunicação um-para-muitos hoje passou a ser “comunicação muitos-para-muitos”.⁶ E talvez a característica mais significativa da comunicação muitos-para-muitos seja que os maiores atores nesse jogo perderam grande parte de sua capacidade de controlar a disseminação de ideias ou mensagens que repercutem entre pessoas comuns.

Há 25 anos, as emissoras tradicionais podiam interromper a divulgação de vídeos que possivelmente seriam do interesse de milhões de pessoas — das estrepolias divertidas de um gato doméstico às decapitações brutais perpetradas por grupos terroristas — negando-se a levá-los ao ar. Hoje, as emissoras tradicionais ainda podem se recusar a transmitir determinado conteúdo, e às vezes o fazem. Mas sua função como difusores da informação praticamente evaporou: se o conteúdo viralizar o bastante, ele tende a se espalhar pelas redes sociais, tenham as emissoras tradicionais decidido transmiti-lo ou não.⁷

Tudo isso sugere que a invenção da tecnologia de comunicação digital realmente terá um efeito político grande. Mas a perda de influência dos difusores tradicionais de informação irá empoderar as pessoas comuns e impulsionar a democracia — ou já causou estrago ao dar aos populistas a plataforma de que precisam para envenenar nossa política?

A ASCENSÃO DOS TECNO-OTIMISTAS

Há bem poucos anos, a maioria dos observadores estava muito otimista. Numa das primeiras análises do que chamou com sutileza de “Tecnologia da Libertação”, por exemplo, Larry Diamond defendeu que as novas ferramentas digitais empoderaram “os cidadãos para que transmitam notícias, denunciem delitos, exprimam opiniões, mobilizem protestos, monitorem elei-

ções, vigiem o governo, aumentem a participação e expandam os horizontes da liberdade.”⁹ Na Malásia, mostrou ele, as ferramentas digitais haviam permitido a ativistas democráticos publicar matérias criticando o regime autoritário. Em países que vão do Usbequistão às Filipinas, da Venezuela à Nigéria, elas possibilitaram que o cidadão comum levasse o governo a prestar contas, ao circular relatos diários dos abusos. Mesmo na China, onde o Partido Comunista instituiu uma “Grande Muralla” cibernética, os usuários driblavam com criatividade a pesada censura do regime: “Há simplesmente comunicação e redes demais para o Estado tentar monitorar e censurar”, observou Diamond.

O artigo de Diamond foi publicado no verão de 2010. Em um ano, suas previsões mais otimistas pareceram se concretizar. Multidões foram às ruas na Tunísia, no Egito, na Líbia e, finalmente, na Síria. Em todos esses países, os manifestantes haviam utilizado as mídias sociais para criticar o governo, denunciar as tentativas de repressão e coordenar hora e local dos protestos. O Twitter, escreveu Andrew Sullivan na *Atlantic*, se revelara uma “ferramenta crucial para a organização.”¹⁰ Nos conflitos do século XXI, afirmou igualmente Nicholas Kristof no *New York Times*, “os capangas do governo disparando balas” cada vez mais enfrentavam a resistência de “jovens manifestantes disparando tuítes.”¹¹ Os efeitos positivos da tecnologia digital também foram cada vez mais sentidos no país. Como afirmou Clay Shirky em *Lá vem todo mundo: O poder de organizar sem organizações*, mesmo em países como os Estados Unidos, a capacidade da comunicação muitos-para-muitos facilitou demais a coordenação dos ativistas.¹² Na esteira da crise financeira, essa facilidade pareceu se manifestar em infinitas maneiras. À direita, o Tea Party se inspirou num ataque virulento veiculado pela CNBC e fez amplo uso de ferramentas on-line, do meetup.org à mala-direta de e-mails. À esquerda, o Occupy Wall Street e o Black Lives Matter recorreram

fartamente às mídias sociais para criar e coordenar uma rede informal de ativistas por todo o país. De ambos os lados do espectro político, um público reenergizado pareceu dar testemunho do potencial democratizante das mídias sociais.¹³

O potencial das mídias sociais para aprofundar e difundir a democracia parecia inquestionável — e seus defensores começaram a fazer alegações ainda mais ambiciosas sobre ele. Captando o senso comum de sua época com vivacidade característica, Thomas Friedman escreveu em maio de 2014 que o “pessoal das praças” mudaria a política mundial para melhor:

Conforme a revolução da TI e a globalização são democratizadas e difundidas — conforme passamos de laptops para elites a celulares para todo mundo, de redes para uns poucos sortudos em Davos ao Facebook para todo mundo, de apenas os ricos terem voz nos corredores do poder a todo mundo sendo capaz de retrucar a seus líderes no Twitter —, surge uma nova força política global.

São, na maioria, jovens, aspirando a um padrão de vida mais elevado e a mais liberdade, desejando a reforma ou a revolução (dependendo do governo do momento), conectados entre si mediante manifestações nas praças públicas ou nas praças virtuais, ou nas duas, e unidos menos por um programa comum do que por compartilhar os rumos que esperam que suas sociedades sigam.¹⁴

A VINGANÇA DOS TECNOPESSIMISTAS

Em 2014 ou 2015, o senso comum sobre as mídias sociais era predominantemente positivo. Desde então, essa percepção virou de cabeça para baixo.

Houve advertências desde o início, claro. Em “Tecnologia da Libertação”, Diamond fez questão de salientar que as novas ferr-

mentas digitais podiam ser utilizadas para o bem ou para o mal. “Assim como o rádio e a televisão podiam ser veículos de pluralismo e de um debate racional da informação, podiam igualmente ser comandados por regimes totalitários para a mobilização do fanatismo e o controle total do Estado”, especulou.¹⁵

Nos anos seguintes, cétricos que vão de Evgeny Morozov a Cass Sunstein examinaram a crítica de Diamond mais a fundo. Os grandes entusiastas do Twitter e do Facebook, afirmou Morozov, acreditavam que essas novas tecnologias dariam outro feitiço ao contexto local, conectando velhos inimigos e vencendo ódios arraigados. Mas, na verdade, o inverso estaria mais próximo da realidade: diferentes contextos locais dariam nova forma ao uso de ferramentas como o Facebook, fazendo delas instrumento de emancipação em alguns contextos e fortalecendo o governo autocrático — e incitando o ódio racial — em outros.¹⁶

As forças centrífugas desencadeadas pela internet também ocupavam os pensamentos de Sunstein: como as mídias sociais permitiam às pessoas fazer a curadoria de suas próprias fontes de informação, sugeriu, elas ensejariam o surgimento de “câmaras de eco” em que os usuários se cercariam de outros com orientação política similar. Paradoxalmente, a facilidade de cada vez maior de comunicação com qualquer pessoa no mundo pode desse modo levar a muito menos comunicação de parte a parte nas discussões sociopolíticas mais pronunciadas.¹⁷

Quando comecei a ministrar um curso chamado “Democracia na era digital” na Universidade Harvard, na primavera de 2013, a maioria dos alunos achou essas advertências interessantes — mas também um pouco obscuras. No geral, continuavam abraçando uma visão otimista das mídias sociais e considerando de suma importância seu potencial libertador.

Dal veio Donald Trump.

Durante toda a improvável campanha de Trump, ficou es-tampado o papel decisivo das mídias sociais em contornar os difusores tradicionais da política americana. Numa época anterior, as redes de TV provavelmente teriam se recusado a levar ao ar suas mentiras descaradas ou as diatribes contra imigrantes, minorias religiosas e adversários políticos. Mas, graças ao Twitter, Donald Trump não precisava da infraestrutura dos veículos de mídia tradicionais. Em vez disso, podia tuitar mensagens diretamente para seus milhões de seguidores. Quando o fazia, as emissoras convencionais enfrentavam uma escolha amarga: ignorar o principal assunto da conversa e cair na irrelevância — ou discutir cada tuite à exaustão, desse modo amplificando ainda mais a mensagem de Trump, conforme a dissecavam sob os olhos do público. Não surpreende que tenham se decidido pelo segundo curso de ação.¹⁸

O perfil de Trump no Twitter virou uma poderosa arma em suas mãos. Mas ela foi potencializada por uma rede difusa de soldados, uns agindo por ideologia, outros por motivos fundamentalmente financeiros. O mais proeminente deles foi o Breitbart, um veículo noticioso cujo rápido crescimento mostrou em que medida a comunicação de massa fora democratizada na era digital. Al-dados anos depois de lançado, o site podia rivalizar com as tradicionais organizações de mídia em tamanho e influência. E, como não se sentia na obrigação de respeitar os limites impostos a elas, repetidamente publicava matérias que chamavam a atenção muito mais por seu caráter incendiário do que por serem verdadeiras.¹⁹

O Breitbart, por sua vez, nada mais era que a culminância de uma profusão de sites menores que espalhavam mentiras e dif-tos com ainda maior desfaçatez. Muitas histórias inventadas e difundidas em portais como Vidare, InfoWars e American Renaissance eram tão forçadas ou escabrosas que ficava difícil entender como alguém podia acreditar nelas. “Papa Francisco choca o

mundo e declara apoio à candidatura de Donald Trump à Presidência”, alardeava certa manchete.²⁰ “Bomba: revelamos rede sã-

tanista de Hillary Clinton”, anunciava outra.²¹ Mas uma parcela significativa da população acreditava. Segundo pesquisa realizada em agosto de 2016, 42% dos eleitores registrados passara a acreditar que Hillary Clinton era “do mal”.²² Em uma pesquisa ainda mais surpreendente feita na Carolina do Norte, dias após Trump ter se referido a Clinton como o “demônio”, 41% de seus apoiadores afirmaram acreditar que isso era “literalmente verdade”.²³

Se ideias tão obscuras ganharam tamanha credibilidade, é porque as novas possibilidades da comunicação muitos-para-muitos estavam cruzando caminho com o surgimento de câmaras de eco cada vez mais estreitas. Em algumas esquinas da internet — isto é, nos feeds do Facebook e nas timelines do Twitter de parcela significativa da população americana —, nenhuma maleficiência contra Hillary Clinton parecia tão absurda que não pudesse ser verdade.

Graças em boa parte à difamação constante contra sua adversária, Donald Trump obteve uma vitória apertada. Nos meses subsequentes, o senso comum virou a casa. Se as mídias sociais haviam sido retratadas como a salvação da pátria alguns anos antes, agora só podiam ser o anjo da morte. Transformando precipitadas afirmações sobre o potencial libertador da nova tecnologia em precipitados prognósticos de um juízo final, as mídias sociais agora eram declaradas o inimigo mais perigoso da democracia liberal. “Está na hora”, escreveu Farhad Manjoo, no *New York Times*, alguns dias após a eleição,

de começar a reconhecer que as redes sociais estão na verdade se tornando as forças de sublevação que seus entusiastas há muito prometeram que seriam — e de ficarmos aprensivos, mais do que

extasiados, com as gigantescas mudanças sociais que podem desencadear. [...] De certa forma, vivemos hoje numa espécie de versão bizarra da utopia que algumas pessoas do universo da tecnologia um dia imaginaram que seria trazida pelas mídias sociais.²⁴

DIMINUINDO O ABISMO

Manjoo tem razão: o potencial negativo das mídias sociais é uma realidade concreta. Entretanto, é demasiado simplista dizer que as mídias sociais são “forças de sublevação” que resultarão fatalmente numa terrível distopia.

A verdade sobre as mídias sociais, a meu ver, não é que necessariamente sejam boas ou más para a democracia liberal. Tanto pouco que promovem ou minam a tolerância. Pelo contrário: diria que elas diminuem o abismo tecnológico entre os insiders e os outsiders políticos.

Até algumas décadas atrás, os governos e as grandes empresas de mídia desfrutavam de um oligopólio sobre os meios de comunicação de massa. Consequentemente, podiam estabelecer os padrões do discurso político aceitável. Numa democracia que funciona bem, isso pode significar a recusa em publicar conteúdo racista, teorias da conspiração ou mentiras deslavadas — desse modo estabilizando a democracia liberal. Em uma autocracia, isso pode significar a censura às críticas contra o ditador — desse modo defendendo-se da democracia liberal.

Com o surgimento das mídias sociais, essa vantagem tecnológica praticamente evaporou. Daí a oposição democrática nos países autoritários hoje ter mais ferramentas para derrubar um ditador plantado no poder. Mas por conta disso também os mercedores do ódio e da mendacidade encontram muito mais facilidade para solapar as democracias liberais.

Os mecanismos que movem a transformação estão explici-
tados em um estudo tão magnífico quanto deprimente sobre o
crescimento da tecnologia digital: anos atrás, Jan Pierskalla e Flo-
rian Hollenbach examinaram o efeito que a introdução da telefo-
nia celular causara em regiões africanas remotas onde a comuni-
cação antes era extremamente difícil.

Economistas teriam esperado que os resultados fossem posi-
tivos: à medida que a comunicação se difundisse, as pessoas se-
riam capazes de obter informações médicas melhores. Seria mais
fácil transportar produtos para regiões isoladas, desesperadamen-
te carentes. A conexão mais fácil com o centro metropolitano tal-
vez pudesse até aperfeiçoar o acesso à educação e melhorar os
índices de alfabetização. Alguns desses efeitos positivos de fato se
concretizaram. Mas, como Pierskalla e Hollenbach mostram, hou-
ve também um efeito negativo: em áreas onde a cobertura de ce-
lular foi introduzida, os níveis de violência política dispararam.²⁵
Antes da chegada do celular, mostram Pierskalla e Hollen-

bach, as forças do governo detinham uma enorme vantagem tec-
nológica sobre os grupos rebeldes. Devido a seu acesso a aparelhos
como o telefone comum e o rádio militar, eles podiam enfrentar
dois desafios que para os insurgentes eram praticamente insupe-
ráveis. Primeiro, havia o assim chamado problema da ação coleti-
va: até soldados do governo estacionados longe do quartel-general
têm um incentivo para fugir do trabalho — mas seus comandan-
tes possuíam um meio de averiguar suas atividades diárias, dan-
do-lhes ordens diretas regularmente, e desse modo diminuindo o
contingente de ociosos. Segundo, havia o problema da coordena-
ção: ao travar uma batalha, é crucial para os soldados saber o que
as demais tropas estão fazendo e serem capazes de compartilhar a
localização de grupos inimigos em tempo real. Usando rádios mi-
litares, as forças do governo conseguiam fazer isso e incrementar
sua agilidade tática.

Por sua vez, os grupos rebeldes não tinham acesso a disposi-
tivos equivalentes e não raro se deparavam com problemas gra-
ves: soldados de infantaria, de olho no soldo pago pelos líderes
rebeldes, mas com medo de arriscar a vida, fugiam do dever. Para
piorar as coisas, na hora da batalha sofriam pesadas baixas, por-
que eram incapazes de agir em coordenação com seus compa-
nheiros. Assim, a maioria dos confrontos entre forças do governo
e grupos rebeldes era desigual, ajudando a minar a rebelião e a
reduzir a incidência geral de conflitos armados.

A introdução do celular mudou tudo de figura. Os líderes
rebeldes usaram a nova tecnologia para dar ordens a seus subor-
dinados regularmente e para coordenar suas ações durante as ba-
talhas. De uma hora para outra, grupos rebeldes passaram a riva-
lizar com as tropas do governo em espírito de combate e agilidade
tática. Com muitos conflitos agora equiparados, eles demoravam
bem mais e se revelavam consideravelmente mais mortíferos.²⁶

O verdadeiro motivo para o celular ter aumentado a inci-
dência da violência em regiões africanas remotas, assim, não é
que a tecnologia digital de algum modo ajuda mais os extremistas
do que os moderados, ou mais o mal do que o bem. O problema,
na verdade, é mais prosaico: ao diminuir o abismo entre os insi-
ders e outsiders políticos, ela ajudou mais os rebeldes do que o
statu quo, e mais as forças da instabilidade do que as forças da
ordem.

Celulares capazes de fazer ligações e enviar mensagens de
texto não se compararam a smartphones capazes de divulgar men-
sagens para milhões via Twitter ou Facebook. E regiões africanas
remotas com capacidade estatal baixa não se compararam a demo-
cracias desenvolvidas onde as autoridades permanecem firmes
no controle. E, no entanto, o estudo de Pierskalla e Hollenbach
pode nos ajudar a compreender os mecanismos que permitiram
à tecnologia digital remodelar a política em democracias como os



Estados Unidos ou a França: até bem recentemente, para ingressar na política a pessoa precisava ter acesso a vastos recursos e às organizações existentes para superar problemas de coordenação e ação coletiva cruciais. Hoje ela dispõe das ferramentas necessárias para alcançar potenciais colaboradores, motivá-los a serem ativos politicamente e coordenar suas ações. A vantagem tecnológica da elite política diminuiu de forma drástica em Michigan e Dakota do Sul, assim como no Quênia e na Nigéria.

Dessa perspectiva, podemos compreender tanto o Movimento Verde iraniano como o uso das mídias sociais pelo Estado Islâmico, tanto a Primavera Árabe como a eleição de Donald Trump. O que muitos observadores tomaram por um paradoxo — que as mídias sociais pudessem ter efeitos tão positivos em alguns contextos e efeitos tão negativos em outros — é resultado da mesma dinâmica subjacente: ao empoderar os outsiders, a tecnologia digital desestabiliza as elites governantes no mundo inteiro e acelera o ritmo da mudança. Os efeitos provavelmente permanecerão conosco por um longo tempo. *Importante!*

Pouco mais de uma década após a invenção da prensa móvel, a nova tecnologia ainda não fora além da cidade de Mainz. Apenas uma porção minúscula da população mundial segurava um livro impresso na mão. A maioria das coisas continuava intacta pela revolução iminente na comunicação e na política.²⁷

Por outro lado, pouco mais de uma década após a invenção do Facebook, a nova tecnologia se espalhou pelos quatro cantos do mundo. Cerca de 2 bilhões de pessoas utilizam ativamente a plataforma. A revolução resultante nas comunicações já é um traço crucial da nossa realidade.²⁸

Ainda é cedo demais para dizer, com o benefício de dezenas ou centenas de anos de visão retrospectiva, se isso acabará mu-

lando o mundo para melhor ou para pior. Mas resta pouca dúvida de que, no curto prazo — ou seja, pelo resto de nossas vidas —, vai contribuir para um mundo mais caótico.

Em anos recentes, foram os populistas que exploraram melhor a nova tecnologia para solapar os elementos básicos da democracia liberal. **Desimpedidos das coblições do antigo sistema midiático, eles estão preparados para fazer tudo que for necessário para serem eleitos — mentir, confundir e incitar o ódio contra os demais cidadãos.**

Talvez sua retórica se revele irresistível. Como aquele legislador estadual comentou comigo, é difícil para um político racional vencer o debate com uma resposta aprofundada quando seu rival oferece uma explicação muito rasa, ainda mais quando ele é capaz de espalhar sua visão simplista por meio do Twitter e do Facebook.

Mas, assim como os ativistas pró-democracia que usaram as mídias sociais para derrubar ditadores subestimaram como seria difícil consolidar sua vitória, os populistas em ascensão talvez ainda venham a considerar o futuro tecnológico mais desafiador do que esperavam. **“O vencedor no momento, seja quem for”, escreveu George Orwell, “sempre vai parecer invencível.”**²⁹ Mas, depois que os populistas chegam ao poder e passam a quebrar as inúmeras promessas que fizeram, podem ser bruscamente lembrados do potencial das mídias sociais para empoderar os novos outsiders contra seu governo.